

TOJAL, Manuel Diamantino. Projeções do respelling digital na comunicação literária: um epifenômeno ou a busca de uma nova forma de expressão para um novo perfil de leitor? *Revista Intercâmbio*, v.XLIV: 64-83, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

PROJEÇÕES DO REPELLING DIGITAL NA COMUNICAÇÃO LITERÁRIA:
UM EPIFENÔMENO OU A BUSCA DE UMA NOVA FORMA DE
EXPRESSION PARA UM NOVO PERFIL DE LEITOR?

PROJECTIONS OF THE DIGITAL REPELLING IN LITERARY
COMMUNICATION: AN EPIPHENOMENON OR THE SEARCH FOR A NEW
FORM OF EXPRESSION FOR A NEW READER PROFILE?

Manuel Diamantino TOJAL
(N2i, Instituto Politécnico da Maia, Portugal)
mdtojal@sapo.pt

RESUMO: Tendo em conta os inegáveis desafios colocados pelos meios tecnológicos à experiência literária no que diz respeito não apenas à construção de narrativas de ficção em interação permanente com os leitores mas também à emergência de novos gêneros que procuram ir ao encontro de um novo horizonte de expectativas do consumidor oriundo da geração digital, este artigo avança para a discussão da hipótese de o discurso literário começar a revelar alguns sinais de permeabilidade à utilização do *respelling* digital, com toda a carga de heterodoxia que o mesmo encerra relativamente ao discurso do cânone.

Palavras-chave: *Respelling* digital; escrita canônica; comunicação literária; leitor nativo digital; registo heterodoxo

ABSTRACT: *Having in mind the undeniable challenges posed by the technological means to the literary experience, not only concerning the construction of fiction narratives in permanent interaction with readers but also the emergence of new genres which try to meet a new horizon of expectations of the digital generation consumer, this paper advances to the discussion of the hypothesis that literary discourse begins to reveal some signs of permeability to the use of digital respelling, with all the burden of heterodoxy that it carries with regard to the discourse of the canon.*

Keywords: *Digital respelling; canonical writing; literary communication; native digital reader; heterodox register*

0. Introdução

As condições em que nasceu o Short Message Service (SMS), com permissão de envio de mensagens até um máximo de 160 caracteres, favoreceram o incremento de uma determinada forma de escrita, mais simplificada, com tendência a contagiar a representação gráfica dos discursos da oralidade, concretamente quando o texto vale sobretudo como transcrição da fala ou conversa escrita e não como escrita de raiz. Exemplos perfeitos disto mesmo são os *chats* e os *blogs* onde a escrita é feita em teclados normais de computador, sem limites de caracteres e onde, apesar disso, prevalece a simplificação em que foi pioneira a “escrita de polegar”.

Convém realçar que o *respelling* digital¹, conceito utilizado (por oposição ao *spelling*) para designar o processo de grafar diferente daquele que é estabelecido pelo sistema fonético convencional, enquanto prática não estandardizada, está longe de ser uma escrita fonética. Mantém-se, apesar de tudo, o paradigma etimológico (caso contrário, não se usaria o “h”, que nunca se lê) e, por isso mesmo, as regras mais fundamentais em que assenta o código gráfico tradicional não são violadas, pelo menos quando são conhecidas. Além disso, a “escrita teclada” não tem regras definitivas, o que permite aos usuários uma permanente criatividade, na busca de novos processos para os fins pretendidos. Importa igualmente reconhecer que os falantes/escreventes vão assimilando as novas naturezas da escrita e vão facilitando no uso do cânone em ambientes digitais, mesmo que se trate de indivíduos dotados de grande domínio desse mesmo cânone. De tal forma esse registo heterodoxo vai configurando a utilização da língua por falantes cultos que já é possível encontrá-lo fora do ambiente da comunicação digital, esporadicamente até no domínio da comunicação literária.

Em termos de utilidade, o que estes novos usos da escrita demonstram é a vitalidade da língua, a sua capacidade de adaptação a novas realidades comunicativas, mesmo que haja necessidade de resolver conflitos com as novas tecnologias e as novas gerações de falantes/escreventes. O caminho, no entanto, terá de ser o do reconhecimento destas novas formas de comunicação, prestigiadas pelos falantes como formas decorrentes da dinâmica da língua, e o da sua integração dentro do sistema, não esquecendo que a internet é cada vez mais o mostruário dos idiomas aí utilizados porque é da rede que se recolhem os textos que, nos dias que correm, permitem as atualizações lexicográficas, as terminologias técnicas e as bases de dados lexicais. É deste uso efetivo que depende o futuro e a imposição da língua portuguesa no mercado global. Para isso, muito

¹O uso do estrangeirismo, utilizado por Taag (2009) na aceção aqui referida, justifica-se pela dificuldade em encontrar na língua portuguesa uma expressão equivalente não demasiado perifrástica.

contará não somente a escrita das grandes obras de cultura ou a escrita diária da imprensa digitalizada, mas igualmente “a escrita mais ou menos canônica e oralizante dos nossos *mails*, dos nossos blogues e dos nossos SMS, que suportam esse novo navegar, que está a mudar as comunicações, as línguas e o mundo” (Teixeira, 2008:124).

O que aqui nos propomos investigar diz sobretudo respeito à projeção destes novos usos no âmbito da escritaliterária e paraliterária. Depois de termos estudado a sedução revelada pelo discurso publicitário relativamente a esta nova forma de escrita (Autor, 2013), é nosso intuito alargar agora essa investigação ao discurso literário, tentando avaliar o alcance das experiências feitas no domínio da reescrita de obras do cânone literário em linguagem SMS, mas também a incipiente contaminação da escrita literária por algumas formas desse processo de “escrita teclada”.

No concernente aos estudos publicados em Portugal incidindo sobre a temática da reinvenção da linguagem verbal na comunicação mediada pelo computador e pelos pequenos ecrãs dos celulares, importa destacar o artigo de José Teixeira intitulado “Língua Portuguesa e as Novas Tecnologias de Comunicação: as dinâmicas da(s) escrita(s)”, publicado em 2008 na revista *Diacrítica* e reformulando a temática presente em “O q é é + importt n1 msg? (Mensagens SMS e novos usos da escrita)” (2003), no qual se coloca com pertinência um conjunto de questões que vão desde a dessacralização da escrita até à importância da “escrita teclada” para o futuro da língua portuguesa. Acerca do desenvolvimento, difusão e reconhecimento acadêmico da ficção hipertextual, no âmbito da chamada literatura eletrónica, merecem destaque os artigos publicados em 2012 na *Revista de Estudos Literários* do Centro de Literatura Portuguesa, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Aí se procede a uma reflexão sobre a alteração em curso das práticas de criação, comunicação e leitura literárias e sobre a reconfiguração da relação entre o suporte impresso e o suporte digital, repensando a textualidade digital e a presença crescente do computador e da programação nas práticas literárias atuais. Sublinhe-se também a atenção dedicada por Reis (2018) ao estudo da “narrativa digital” e da “ficção hipertextual” no seu recente *Dicionário de Estudos Narrativos*, mencionando como princípios fundamentais deste campo de produção narrativa a interatividade e a multilinearidade, os quais pressupõem que, em vez de seguir um percurso linear, o leitor se desloque por diferentes estratos e níveis de construção do relato, sempre de forma dinâmica e sem respeitar uma hierarquia pré-estabelecida, o que a afasta da tradicional narrativa impressa.

No Brasil, o meio acadêmico tem prestado uma particular atenção aos novos usos da linguagem no espaço virtual e aos novos gêneros

digitais, existindo toda uma linha de investigação focalizada nesta área. O resultado traduz-se na publicação de uma série de ensaios e coletâneas de ensaios que são o reflexo dessa fervilhante atividade de pesquisa. Merece destaque a coletânea organizada por Marcuschi e Xavier (2004) intitulada *Hipertexto e Gêneros Digitais*, na qual se repudia o discurso tecnóforo de uma certa facção da classe docente e se faz a defesa fundamentada da escrita transgressora e das formas alternativas de utilização das convenções da escrita no ambiente digital de informalidade comunicativa. Naquilo que diz respeito à recepção dessa nova e heterodoxa escrita, assume particular interesse o ensaio de Komesu e Tenani intitulado “Considerações sobre o conceito de ‘internetês’ nos estudos da linguagem”, publicado em 2009 na revista *Linguagem em (Dis)curso*. No que toca respeito às exigências colocadas aos escritores por uma nova geração de leitores nascida na era digital e à conseqüente emergência de novos gêneros literários, importa referir os artigos de Perrone-Moisés (2011), Franco (2013), Martins e Ramos (2014), Espíndola e Rocha (2015), e ainda o projeto de pesquisa de Spalding (2014) intitulado “Criação literária na era digital: as possibilidades das novas ferramentas de comunicação para o texto literário e o surgimento de novos gêneros”.

Como metodologia de pesquisa, utilizamos o estudo exploratório, com o objetivo de investigar até que ponto as novas ferramentas de comunicação da era digital têm vindo a produzir alterações no discurso literário e a contribuir para a criação de novos gêneros. No que toca às publicações periódicas impressas, para termos a percepção das obras literárias que, entretanto, vêm surgindo no mercado livreiro, fomos procedendo ao levantamento das resenhas e das críticas publicadas na revista *Colóquio-Letras* e no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* entre janeiro de 2009 e abril de 2019. A formulação de palavras-chave permitiu-nos uma busca mais ampla no Google Acadêmico de artigos produzidos sobre o tema. Houve também alguma recolha de informação através de contactos informais com o escritor João Barreto Guimarães e com Dinis Alves, diretor do projeto “Torga em SMS”. A nossa pesquisa movimenta-se, por conseguinte, entre as textualidades provenientes quer de publicações literárias ou paraliterárias impressas quer de publicações digitais, algumas destas situadas no campo experimental da transformação da escrita canônica em *respelling* digital, na expectativa de oferecer aos jovens leitores um modo dinâmico e lúdico de contactarem com os textos de grandes poetas e de grandes prosadores da língua portuguesa.

O presente artigo, na sua parte central, está estruturado em três pontos. No primeiro, procuramos descortinar os desafios originais colocados pelos meios tecnológicos à experiência literária através de uma aproximação ao conceito de narrativa digital e daquilo que o

mesmo implica no âmbito da interatividade com o leitor, transformado em cocriador do produto narrativo final. No segundo, procuramos discernir a emergência de novos gêneros propulsionados pelos meios digitais, por vezes de classificação problemática na esfera da comunicação artística, mas surgindo como fenômenos de popularidade e produzindo obras que correm vertiginosamente para a categoria de *best-sellers*. Finalmente, passando ao de leve pelo caminho desbravado pelas experiências de escrita semifonética e semi-alfabética na era pré-digital da literatura portuguesa, direcionamos o nosso estudo para o âmbito da projeção do *respelling* digital na comunicação literária, seja pela conversão em linguagem SMS de obras ou excertos de textos do cânone literário, seja pela esporádica utilização parodística no discurso poético da grafia que caracteriza o *Short Message Service*.

1. Uma nova comunicação literária para um novo perfil de leitores?

Embora autores como Hayles (2009) prevejam que a literatura eletrônica venha a ser um componente importante do cânone do século XXI, admitimos que, até ao momento presente, não se pode afirmar peremptoriamente que as tecnologias digitais tenham abalado significativamente os alicerces da comunicação literária, já que as mesmas não terão conseguido ainda provocar uma rutura profunda e generalizada no seu universo. Convém recordar que a maioria dos escritores utiliza ainda o computador como uma máquina de datilografar. Em contrapartida, como sustenta Perrone-Moisés (2011), é preciso ter em conta que os leitores talvez tenham mudado mais do que os escritores. Com efeito, "as novas gerações não querem mais ler aquilo que os teóricos do século 20 chamavam de literatura". Segundo a mesma autora, as experiências romanescas oriundas das vanguardas literárias e artísticas do início do século XX já não despertam interesse e estão esquecidas pelo grande público. Neste quadro, autores como Franco (2013) aventam a hipótese de que o alcance comunicativo e o prestígio social dos meios tecnológicos audiovisuais acabarão por criar desafios originais à experiência literária, forçando-a, inclusive, a elaborar novas formas narrativas e a desenvolver novos temas. Conforme defende Pedro Barbosa (apud Rodrigues, 2012), se o computador se tornou essencial para a ciência, a música ou as artes plásticas, o mesmo acontecerá necessariamente para os textos, o que apraz criar um novo tipo de discurso, ou seja, uma forma literária que não poderia existir sem o computador. E será importante não esquecer que as novas gerações criadas num ambiente acelerado, hiper-social e tecnologicamente avançado são as principais usuárias da internet, sendo também para elas que começa a convergir toda a literatura do ciberespaço.

O certo é que, estando a literatura a evoluir para um novo suporte, pós-gutenberguiano, se notam já algumas transformações, por exemplo, no modo de produção e construção da ficção romanesca. Alguns escritores da lusofonia testemunham isso mesmo, a ponto de se falar de uma *nova escrita* potenciada pela internet. Em 2001, o escritor Rui Zink mostrou-se disponível para uma experiência sem precedentes em Portugal, a qual consistia em escrever uma narrativa de ficção em que seria o público a decidir o rumo dos acontecimentos, inaugurando assim uma nova forma de interatividade: os leitores não só conseguiam, por via eletrônica, entrar em diálogo com o autor como se transformavam eles próprios em *coautores* da estória, interferindo diretamente no seu processo criativo. Para tal, Zink foi colocando *online* um novo capítulo do seu *work in progress* em dias fixos da semana, organizando uma votação sobre o rumo da narrativa. Como o próprio testemunha, nos primeiros vinte capítulos não só aceitou as votações como quase todas as sugestões que lhe iam fazendo. A meio da construção, teve de diminuir as opções e dar aos leitores falsas alternativas “para o livro não se tornar um cadáver esquisito” (Rodrigues, 2012:39). O resultado foi *Os Surfistas*, o primeiro *ebook* português escrito com base nas votações dos cibernautas. Estamos, necessariamente, a falar aqui da revalorização do leitor como entidade ativa no processo da construção literária, extrapolando os limites da sua função tradicional para atuar também como coautor, enquanto o autor propriamente dito passa a assumir as funções de supervisor das sugestões enviadas. Conforme Martins e Ramos (2014:77), “rompendo uma função tradicionalmente passiva, o leitor do século XXI assume uma nova postura, na qual a construção do texto final depende da sua atuação.” Trata-se, no entanto, neste caso, de uma obra que, sendo interativa na sua construção, não se pode considerar manipulável. Não necessita, por conseguinte, do hipertexto da realidade virtual para a sua existência uma vez que, depois de produzida, poderia ter sido publicada no suporte físico tradicional, tal como veio a acontecer, passando de edição digital para edição também impressa (Zink, 2001).² Não se atingiu ainda neste caso o patamar da *literatura hipertextual* que implica a existência de vários planos contendo informações relacionadas entre si por meio de *links* associativos, os quais permitem a composição de novas estruturas narrativas ou teias poéticas, submetidas à intencionalidade do leitor e, por essa via,

² O contrário também se tem verificado, tal como no exemplo citado por Reis (2012: 119) que menciona a publicação em 2012 da versão digital do livro de Al Gore intitulado *Our Choice. A Plan to Save the Climate Crisis*. Reeditado para iPad, “o livro de 2009 pode agora ser lido em função dos gestos e das opções do leitor, que faz emergir do elegante e amigável ecrã dezenas de gráficos, de vídeos, de fotos e de sons, em termos a que não é excessivo chamar um verdadeiro festival multimédia e interativo.”

facultando oportunidades de leitura em diferentes direções. Quer isto dizer que esta experiência de composição ficcional não se pode enquadrar propriamente na categoria de *narrativa digital*. Com efeito, de acordo com Reis (2018: 316), esta assenta não apenas no princípio da estrutura aberta, sendo o rumo seguido pela sua ação e os comportamentos que as suas personagens protagonizam dependentes de combinações e de variáveis com efeito multidirecional, mas evidencia também um considerável grau de flexibilidade, vindo a mesma a ser composta “a partir de dispositivos que permitem opções e variações constantes, sobretudo no plano da receção e da interatividade, com acrescida eficácia quando ocorre em rede”. Ainda assim, este projeto acaba por conter elementos inovadores, ao incluir no *site* rubricas como “Galeria de Heróis” (com textos de caracterização de todas as personagens), “Local do Crime” (descrição dos locais onde se desenrola a ação) e “Diário de Bordo” (espaço reservado aos desabafos do escritor relacionados com a angústia da escrita). A versão impressa insere também os contributos dos e-leitores ao longo da produção deste *work in progress*.

2. A emergência de novos gêneros literários

Algo de novo terá surgido na Europa com o escritor francês Phil Marso que, depois de uma dura batalha contra o uso excessivo de celulares, decidiu assumir a sua faceta de verdadeiro especialista de *Short Messages*, publicando em 2004 *Pa Sage A TaBa*, considerado como o primeiro livro do mundo escrito em linguagem SMS, com o objectivo confesso de criar um novogênero literário³.

Dois anos depois, era publicado na Finlândia aquele que alguns consideram o primeiro livro à escala planetária inteiramente composto por SMS. Trata-se de uma “narrativa” intitulada *Viimeiset viestit (As últimas viagens)*, da autoria de Hannu Luntiala, baseada na experiência de um engenheiro informático que se despede da empresa onde trabalha e decide partir em viagem pela Europa e pela Índia. O texto publicado limita-se a transcrever cerca de um milhar de mensagens que o protagonista envia e recebe ao longo dessa

³Deste livro se reproduz aqui um pequeno excerto em itálico: “3h mat'... La f'1 me gayTe. 3j, emûRé ds lê WC. JaV bô écout' la FM, person ne tchat sur moa. Lol! Soud1! 1 brui me fè bondir 2 la kuvett dê WC. J rêv? Le mÛr Cfondra sous 1 AVALanch 2 kou 2 pioch. Le boss m'1tRpèl: - John Wilson Bred, j vs chRch partt.” (MARSO, 2004: 4)

Tradução no sistema fonético convencional, com substituição das expressões giriáticas: “Trois heures du matin... La faim me guette. Trois jours emmuré dans les wc, j'avais beau écouter la radio, personne ne parlait de moi. Ah! Ah! Ah! Soudain, un bruit me fait bondir de la cuvette des wc. Je rêve? Le mur s'effondra sous une avalanche de coups de pioche. Le patron m'interpelle: - John Wilson Bred, je vous cherche partout.”

viagem, mantendo a linguagem típica dos SMS (*Exame Informática*, jan. 2007).

No continente asiático, o mesmo fenômeno teve um grande incremento no Japão, sobretudo a partir de 2007, com o *keitai-shosetsu*, o "romance de celular". Uma das características comuns a autores e leitores destas obras, além da sua faixa etária ser bastante baixa, é que os mesmos surgem à margem do cânone literário japonês, oriundos da geração digital, com pouca ligação à literatura e aos livros. A maioria dos autores, de acordo com Erban (2009), nunca havia publicado e, para muitos, o *keitai-shosetsu* constitui a primeira experiência de escrita criativa. A cultura de mensagens de texto no Japão criou, assim, jovens autores alcandorados ao estatuto de *best-sellers* que admitem nunca ter lido um romance, à imagem de muitos dos seus leitores. Segundo Chiaki Ishihara, especialista em literatura japonesa da Universidade Waseda, "não é que eles tenham tido o desejo de escrever e encontrassem o telemóvel à mão. Em vez disso, no decurso da troca de *e-mails*, esta ferramenta chamada telemóvel infundiu neles o desejo de escrever." (apud Rodrigues, 2008:15). Apesar de poderem escrever a sua ficção em computadores, estes jovens preferiram usar uma ferramenta mais pessoal e mais íntima para criar histórias, sobretudo de amores e desenganos, onde as referências geográficas são escassas para garantir a sua máxima universalidade e, por contraste, permitir também uma maior identificação do leitor com a história. Por detrás da autoria dos *keitai-shosetsu* estão sobretudo mulheres, normalmente ainda muito jovens. O seu estilo, apropriado para o meio em que foram escritas, é muito direto, povoado de diálogos e parágrafos muito curtos, carregado de ação e com poucas descrições. A linguagem utilizada é altamente coloquial e gíriática, imitando as mensagens de texto usadas comumente pelos jovens japoneses. Rin, pseudônimo de uma das principais cultoras do gênero, apesar de reconhecer que as histórias desses "romances" são muito previsíveis, justifica o sucesso destas criações pelo fato de os jovens japoneses não lerem obras de escritores profissionais, atendendo a que "as frases são muito difíceis de perceber, as expressões são intencionalmente palavrosas e as histórias não lhes são familiares" (apud Rodrigues, 2008:15). Equivalerá isto a dizer-se que a erudição vocabular do cânone literário o poderá ter transformado num território inalcançável para o grande público? No mundo acadêmico, olha-se com natural desconfiança para este fenômeno de sucesso da literatura popular, não apenas por causa da possível ausência de literariedade de "romances" que nalguns casos, na sua versão impressa, se transformaram, apesar disso, em autênticos *best-sellers* mas que, estilisticamente, se apresentam despojados daquilo que lhes poderia conferir o estatuto de comunicação artística,

TOJAL, Manuel Diamantino. Projeções do respelling digital na comunicação literária: um epifenômeno ou a busca de uma nova forma de expressão para um novo perfil de leitor? *Revista Intercâmbio*, v.XLIV: 64-83, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

nomeadamente daquela que é valorizada pela academia⁴, sendo os seus autores acusados de falta de ambientação dos enredos, precária descrição das cenas e fraco desenvolvimento das personagens. Este cepticismo prende-se também com a possível efemeridade de uma moda que dará lugar a outras, igualmente efêmeras. Há, no entanto, personalidades como Masayoshi Yoshino, presidente da Goma Books, que pretendem transformar este fenómeno em mais do que uma moda, num novo tipo de cultura e num verdadeiro novo gênero literário.

3. Projeções do *respelling* digital no discurso literário

No que toca ao trabalho sobre a língua, importa assinalar as experiências que, a nível europeu, vão comprovando as interferências desse processo heterodoxo de grafar o discurso verbal no campo da comunicação literária.

Em 2005 as principais obras da literatura inglesa foram traduzidas para linguagem SMS como forma de ajudar os estudantes do Reino Unido a rever a matéria para os exames. O projeto foi criado pelo serviço de celulares *dot.mobile* e contou com a colaboração de John Sutherland, professor da University College London. Este serviço condensa clássicos como *Pride and Prejudice*, de Jane Austen, ou as dramaturgias de Shakespeare. Frases como "To be or not to be, that is the question", de *Hamlet*, foram transformadas em "2b?Nt2b? ???", o que, de acordo com Sutherland (in *Diário Digital*, 17-11-2005), demonstra a capacidade revelada pela linguagem SMS para apreender os principais pontos de uma história⁵.

Em Portugal, muito antes de chegarmos à era digital, já os escritores vanguardistas do século XX haviam feito experiências de escritasemifonética e semi-alfabética. Com efeito, numa época em que ninguém sonhava ainda com aqueles instrumentos que estão a

⁴O preconceito relativamente à cultura de massa nasce, é preciso dizê-lo, de um argumento falacioso. De facto, parte-se do falso silogismo de que, se a maioria das pessoas gosta e consome esses produtos, isso significa que os mesmos são de qualidade duvidosa. Muitas vezes, no entanto, e porque consideram que seria um absurdo perder tempo lendo-as, os críticos literários nem sequer têm conhecimento das obras que aprioristicamente crucificam. E também esquecem, como oportunamente referem Espíndola e Rocha (2015:253), que "as obras literárias selecionadas do cânone estão distantes, do ponto de vista dos [jovens] leitores, da realidade que os cerca e os temas não parecem interessá-los tanto quanto aqueles trazidos pelas obras de aventura e fantasia que os cativam." A propósito dos novos gêneros criados pela literatura eletrônica, já há dez anos Katherine Hayles (2009) defendia a importância de a crítica literária se manter recetiva a cada alteração e às novas possibilidades de envolvimentos literários.

⁵Phil Marso questiona, em contrapartida, esta capacidade ao admitir que é praticamente impossível traduzir grandes escritores como Marcel Proust em linguagem do SMS (in *Folha de São Paulo*, 31-01-2006).

TOJAL, Manuel Diamantino. Projeções do respelling digital na comunicação literária: um epifenômeno ou a busca de uma nova forma de expressão para um novo perfil de leitor? *Revista Intercâmbio*, v.XLIV: 64-83, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

revolucionar a linguagem verbal na sua componente escrita, já em Portugal surgem exemplos de escrita semifonética nos escritores modernistas. Citemos o caso de *Coimbra Manifesto 1925*, da autoria dos pseudónimos Óscar, Pereira São-Pedro (Pintor), Tristão de Teive e Príncipe de Judá, estudantes responsáveis pela criação do chamado Movimento Futurista de Coimbra. No folheto publicado em edição fac-similada por Marnoto (2009:115) pode ler-se a seguinte passagem desse *Manifesto*:

Os cegos olham kom os olhos dos outros ke já olharam e nós não keremos olhar kom os olhos dos outros ke já olharam, mas kom toda-a-força kom os nossos olhos e sentir kom a nossa alma. Keremos eskalar o Universo ke se fez pra nós eskalar-mos [sic].

Outros exemplos de trechos “disortográficos” surgem na prosa dos escritores experimentalistas portugueses dos anos sessenta e setenta do século XX. E aí, as rupturas com as convenções que regem o código grafemático podem ocorrer motivadas por dois objectivos diferentes: seja como meio de exprimir o conflito existente entre a fonia e a grafia dos signos através da abolição intencional da consciência etimológica, seja como tentativa de adequação da língua escrita à realização idioletal na língua falada⁶. No romance fragmentário *A Noite e o Riso*, publicado em 1969 e que constitui um marco do pós-modernismo literário português e um paradigma de como a linguagem pode ser um território onde cabe toda a invenção e toda a liberdade, Nuno Bragança imagina o narrador enquanto jovem a escrever numa folha de papel um pequeno texto onde transgride intencionalmente o sistema de escrita canónico, chegando a misturar grafemas com outros sinais gráficos:

Depois chupei o rabo da caneta, que sabia a lavado e a polido, e escrevi por baixo e em letras pequenas o seguinte: *U omãĩ qe dava pulus era 1 omãĩ qe dava pulus grãdes. El pulô tantu qe saiu pêlo tôpu*. Isto feito, levei o papel ao meu tio Maurício, que estava sempre a ler jornais.” (Bragança, [1969] 2003:41).

Por esta mesma via experimental, Maria Velho da Costa, no romance *Lúcialima*, transforma o sintagma “é o que é” no antropónimo “Éukié” para designar uma fada (Costa, 1983:161). Neste caso, como noutros da ficção narrativa pós-modernista, as palavras libertam-se

⁶Já Fernando Pessoa, em textos da esfera privada que posteriormente haviam de ser publicados, tinha feito experiências curiosíssimas. Veja-se, por exemplo, a intencional infantilização da linguagem no discurso das suas *Cartas de Amor*: “Venho só quevê pã dizê ó Bébézinho que gotei muito da catinha d’ella. Oh! E também tive muita pena de não tá ó pé do Bébé pã le dá jinhos [...] Amanhã, a não sê qu’o Nininho não possa é que sahe d’aqui pelas cinco e meia (isto é a *meia* das cinco e meia).” (Pessoa, 1994:103)

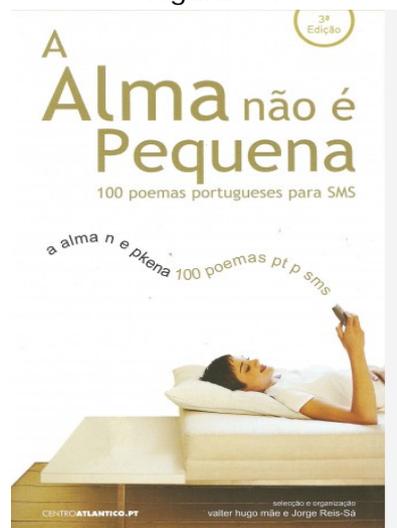
TOJAL, Manuel Diamantino. Projeções do respelling digital na comunicação literária: um epifenômeno ou a busca de uma nova forma de expressão para um novo perfil de leitor? *Revista Intercâmbio*, v.XLIV: 64-83, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

da sua “servidão” relativamente a uma forma normativizada e a um sentido instituído, tornando-se núcleos de irradiação semântica.

Com a entrada no século XXI, surgem em Portugal algumas experiências interessantes de conversão da escrita canônica em *respelling* digital, nomeadamente com o objetivo de dar a conhecer ao público juvenil alguns dos grandes poetas e prosadores da língua portuguesa. Importa, todavia, reconhecer, de acordo com a pesquisa efetuada, que em Portugal a contaminação da escrita literária por algumas formas da “escrita teclada” se revela incipiente e bastante esporádica.

Do lado da recepção da obra literária, merecem destaque algumas iniciativas que fazem um apelo à leitura do cânone literário através da transgressão do código ortográfico como estratégia para atingir determinadas camadas de público, mais habituadas ao imediatismo e velocidade da escrita mínima essencial – típica dos SMS, das redes sociais e do *netspeak* utilizado por todos os meios na Internet – do que à profundidade da grande escrita literária. Uma primeira iniciativa para dar a conhecer à geração digital os grandes poetas portugueses dos séculos XIX, XX e XXI surge em 2003, com a publicação da antologia *A Alma não é Pequena – 100 poemas portugueses para SMS*, organizada por valter hugo mãe e Jorge Reis-Sá e que, intencionalmente, reescreve na capa o título e o subtítulo em linguagem abreviada (*a alma n e pkena 100 poemas pt p sms*), sugerindo assim aos leitores a possível utilização do *respelling* digital em vez da escrita canônica. Neste caso, trata-se de os levar a transportarem para os seus celulares poemas que se adequam ao formato minimalista dos SMS ou trechos de poemas apresentados na íntegra dos quais se destacam graficamente os excertos considerados mais inspiradores e que possam funcionar como “máximas” nessas *short messages* limitadas pelos 160 caracteres.

Figura – 1



Capa da 3ª edição de *A Alma não é Pequena*

TOJAL, Manuel Diamantino. Projeções do respelling digital na comunicação literária: um epifenômeno ou a busca de uma nova forma de expressão para um novo perfil de leitor? *Revista Intercâmbio*, v.XLIV: 64-83, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

A panorâmica criada por esta inovadora antologia, que pode ser considerada como o primeiro livro de poesia para telemóveis, pretende prestar-se, como referem os seus organizadores, a ser “um modo dinâmico e lúdico de contactar e conhecer a poesia portuguesa” (Mãe e Reis-Sá, 2003:6), transformando o celular no veículo privilegiado dessas palavras⁷. Este convite à heterodoxia discursiva situa-se sempre na fronteira entre o cânone e a marginalidade. Em muitos casos, porém, como lembra Miguel Real a propósito dos escritores ‘malditos’, “a literatura, de reino da ‘liberdade livre’ tornou-se reino de conveniência social, e, de estado crítico do mundo, adveio conformista, pisando e repisando os velhíssimos temas e linguagens realistas e sentimentais, fazendo reverência solene à tradição” (Real, 2019:16).

Nesta mesma vertente, torna-se imperioso mencionar o projeto *Torga em SMS*, que foi bastante mais ousado ao converter para linguagem do SMS a 3ª edição revista do *Diário XII* de Miguel Torga, com versão disponível em <http://diarioxii.blogspot.com/>. Este projeto, desenvolvido no Instituto Superior Miguel Torga, em Coimbra, sob a direção de Dinis Alves, foi executado em 2006 por duas alunas da licenciatura em Ciências da Comunicação (Micaela Andreia e Márcia Arzileiro). Partindo da constatação de que os utilizadores dos celulares e da Internet escrevem, cada vez mais, com abreviaturas e que os textos dos alunos acusam uma progressiva contaminação da linguagem SMS, o objectivo deste exercício académico passou por gerar discussão em torno do futuro da língua portuguesa, atribuindo-lhe o seu mentor um teor eminentemente pedagógico. Não enfeitando a possibilidade de que a versão SMS possa ajudar à divulgação da obra de Miguel Torga, Dinis Alves adverte os leitores para a possível fealdade do resultado da “tradução”, admitindo que “aquilo é, na verdade, horrível” e que “cada forma de comunicação deve ser usada no seu contexto” (apud Fonseca, 2009). Na referida versão SMS do *Diário XII*, pode ler-se na transcrição referente a “Luanda, 19 de maio de 1973”:

scrvo diant da msma paisagm feia pr k abri os olhos d manhãzinha e k parc abafar cm eu. Paisagm sca, pulvrulnta, ardida, d vgtação prcaria e rasteira, k algumas cabras famlicas dpnam e algumas prsnças arbóreas tntam em vão ergr: embondeiros disforms, edmaciados, monstruosos; mangueiras sombrias, spssas, maciças; mamoeiros sgrouviados, sintticos, d tstitulos ao pscoço. N1a aplicação sforçada, tnto comprndr st xao em si msm, spcificamnt ms os sntidos rfilam, insguros fora dos seus padrões habituais – transmontanos, alntjanos oubeirões. E, p + k n keira, sinto-m nl

⁷ Sublinhe-se que esta colectânea atingiu a sua 3ª edição em abril de 2009, o que, no meio editorial português, parece demonstrar a excelente receptividade conseguida junto de um público leitor que se move entre a literatura impressa e a literatura eletrónica.

TOJAL, Manuel Diamantino. Projeções do respelling digital na comunicação literária: um epifenômeno ou a busca de uma nova forma de expressão para um novo perfil de leitor? *Revista Intercâmbio*, v.XLIV: 64-83, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

intruso, rejeitado, excluído, com a impressão incômoda de que, se morresse aqui, seria mais facilmente comido por dois abutres que espreitam da ponta de um galho seco do que pela terra da sepultura.⁸(<http://diarioxii.blogspot.com>)

Do ponto de vista dos usos da linguagem, temos aqui a presença de abreviaturas nada convencionais e de uma escrita semialfabética que mistura grafemas com sinais gráficos e com numerais, perdendo-se frequentemente a noção da origem etimológica dos signos linguísticos. O grande princípio parece ser o da lei do menor esforço ligada à economia de caracteres, que passa não apenas pela utilização sistemática de abreviaturas mas também pela combinação de grafemas com sinais gráficos (“por + k n keira”) ou pela escrita alfanumérica em que o numeral ora substitui o seu equivalente grafêmico, ora substitui uma palavra pelas virtualidades da homofonia (“comido por 2 abutres k m spreitam da ponta d 1 galho sco”).

Na opinião de Pinto (2009), esta versão do *Diário XII* parece conter um paradoxo em si mesma: por um lado, sendo a linguagem do SMS uma escrita mínima essencial muito próxima da representação fonética, prevalece a lei do menor esforço e da maior rapidez na transmissão; por outro, existe a escrita de Miguel Torga que apresenta um movimento contrário, o de abarcar por palavras a complexidade do mundo. Conciliar estes dois movimentos constitui, apesar de tudo, um “exercício interessante” que “mal nenhum fará ao edifício literário de Torga nem à Língua Portuguesa.” Considerando este exercício acadêmico mais um reconhecimento de que existe um processo natural de simplificação textual cujas causas são o imediatismo, a virtualização e a velocidade de escrita, o mesmo autor admite que poderemos estar no início do alastramento desta simplificação à reserva literária. A mesma opinião não é partilhada, no entanto, por Amaral (2009) que, pondo em causa a existência de um “processo natural de simplificação textual”, sustenta a teoria de que a linguagem do SMS deve ser entendida como uma moda e que, mais do que ao serviço da economia de caracteres, ela pretendeser

⁸“Escrevo diante da mesma paisagem feia para que abri os olhos de manhãzinha e que parece abafar como eu. Paisagem seca, pulverulenta, ardida, de vegetação precária e rasteira, que algumas cabras famélicas depenam e algumas presenças arbóreas tentam em vão erguer: embondeiros disformes, edemaciados, monstruosos, mangueiras sombrias, espessas, maciças; mamoeiros esgrouviados, sintéticos, de testículos ao pescoço. Numa aplicação esforçada, tento compreender este chão em si mesmo, especificamente, mas os sentidos refilam, inseguros fora dos seus padrões habituais – transmontanos, alentejanos ou beirões. E, por mais que não queira, sinto-me nele intruso, rejeitado, excluído, com a impressão incômoda de que, se morresse aqui, seria mais facilmente comido por dois abutres que espreitam da ponta de um galho seco do que pela terra da sepultura.” (Torga, 2001:1133)

uma linguagem inteiramente associada a uma tribo.⁹ Quer isto dizer que esse processo de escrita funciona como um subcódigo que se constitui como uma espécie de socioleto, uma das características da nova sociabilidade criada pela era digital. Dessas características fazem parte a especialização excessiva, a deslocação da realidade social e económica, a anulação do conceito de leitura linear e o desenvolvimento de uma linguagem própria e diferenciadora. Sem pretender a construção de um código multissemiótico de carácter esotérico, essa “tribo” confere substancial importância ao carácter lúdico na reformulação de códigos já conhecidos. Como defende Tagg (2010), o *respelling* contém princípios e significados tal como outras formas de linguagem. Simplesmente, neste caso transmitem-se significados expressando-se emoções e atitudes, definindo-se relações de pertença a um grupo, construindo-se identidades por meio da informalidade, da concisão e do desvio.

Convirá acrescentar que, ao contrário daquilo que acontece na comunicação digital síncrona, em que o significado é produzido no decurso do processo de interação (por exemplo, no uso da pontuação expressiva através da qual a instância enunciativa oferece pistas para a construção do sentido), aqui o leitor é colocado perante uma versão na qual não cabem outras chaves de leitura a não ser aquelas que o próprio uso sancionou para a troca de mensagens no ambiente digital, vulgarmente designadas por *netiquetase* que, nesse contexto, funcionam como protocolo de leitura. É claro que, caso não se tratasse de um exercício académico, na esteira daqueles já experimentados no Reino Unido em 2005, se tornaria aceitável levantar a questão da licitude de verter um texto do cânone literário (que podia ser de uma edição *one varietur*) numa outra linguagem que nada se adequa à norma culta da escrita da língua portuguesa¹⁰. Convirá, todavia, ter presente que a norma em linguagem, como lembra Santos (2007, p. 177-178), é criada a partir dos costumes, por isso caracterizada como consuetudinária e não decorrente de uma lei formulada pelo raciocínio de um gramático.

Do lado da criação literária propriamente dita, em 2008, o poeta Ricardo Silva Reis utilizava o símbolo @ com valor vocálico no título de *Tanto@Mar*, expandindo paragramaticamente o significante “mar” e, simultaneamente, desconstruindo o estereótipo “tanto mar”.

⁹As características específicas da linguagem digital decorrem de um ambiente que, necessariamente, condiciona a produção dos enunciados, pela necessidade de rapidez, pela componente de irreverência propiciadora de heterodoxia e pela necessidade, enquanto “linguagem associada a uma tribo”, de construção de um estilo próprio de comunicação. Nesta perspectiva, e uma vez que a comunicação na rede digital propicia plena liberdade aos seus usuários, essa sua heterodoxia não deve ser preconceituosamente considerada como um erro.

¹⁰Não se tratando neste caso de uma paródia do texto torquiano, inevitável se torna destacar aqui a existência de uma canibalização do texto de partida.

TOJAL, Manuel Diamantino. Projeções do respelling digital na comunicação literária: um epifenômeno ou a busca de uma nova forma de expressão para um novo perfil de leitor? *Revista Intercâmbio*, v.XLIV: 64-83, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Refira-se que nas primeiras décadas do século XXI este símbolo começa a estar presente em muitos títulos de ensaios e artigos relacionados com este processo de escrita no ambiente digital.

No domínio da crônica, é possível identificar esporadicamente o uso de siglas e acrônimos frequentes no *respelling* digital, como é o caso de LOL (*laughing out loud*), percebido no contexto seguinte como uma forma adverbial:

Ele frequentava o Twitter, ela o Instagram. Na verdade, nunca se conheceram. É pena. Com a aptidão que ele tem para a escrita e ela para a fotografia fariam uma ótima dupla... e seriam felizes. Ela ria-se LOL, ele hahaha. Quando finalmente se encontraram, beberam uns copos de vinho e riram-se muito ao jantar, sem que se tivesse notado qualquer diferença de tons. Simplesmente não se podem amar por escrito. (Halpern, 2018:31)

Na esfera da poesia, João Luís Barreto Guimarães, no poema “Introdução ao niilismo” em que tematiza a morte do pai, conduz o registo discursivo para a paródia da grafia vulgarmente utilizada nas mensagens SMS, embora neste caso sem qualquer redução de caracteres:

A noite passada enviei um SMS a meu Pai
mas ele não respondeu. Já *kontava kom issu*.
[...] Já tenho ligado para Deus
parece dar sempre ocupado.” (Guimarães, 2009: 19).

Sublinhe-se que, na nossa memória de leitor, o referido poema ressoou durante muito mais tempo do que se ali não houvesse, no segmento de um verso, uma esquisita e heteroclita forma de escrever que parodia intencionalmente a linguagem SMS. Descobrir o motivo dessa persistência é simples: o estranhamento provocou uma reação que se pode traduzir por uma espécie de regresso às origens, comose fosse a primeira vez que estivéssemos a ler/pronunciar aquela frase aparentemente tão trivial. Importa lembrar que, se por um lado é certo que a forma de escrever as palavras não mexe com o âmago da língua mas apenas com aquilo que está à superfície da mesma que é a grafia, por outro é igualmente verdade que na literatura a forma também é conteúdo, uma vez que o significante tende a engendrar o seu próprio significado. E, como o próprio escritor afirma a propósito da construção dos seus textos, aquilo que poderá tornar um poema memorável, o que poderá fazer com que vença o teste do tempo é a sua originalidade e a sua criatividade (Guimarães, 2019:7). Os escritores sabem – e os poetas em particular – que toda a obra literária é, antes do mais, obra de linguagem, objeto verbal e que a língua é, de algum modo, um jogo cujo funcionamento é legislado por regras mais ou menos imperativas, por um lado, mais ou menos arbitrárias, por outro. Sendo a literatura um *trabalho sobre a língua*

que pode exigir uma reformulação da ideologia da criação literária dominante, torna-se oportuno lembrar as palavras de Manuel Gusmão a propósito da escrita inovadora de Nuno Bragança no já citado romance *A Noite e o Riso* quando ele afirma que “a língua não é uma capa transparente a revelar as coisas, mas ela própria agenciadora do seu conhecimento” (Gusmão, 2003: 30). A forma pode ser, por conseguinte, portadora ela mesma de um sentido.

4. Considerações finais

O surgimento das novas tecnologias digitais provocou uma nova postura do homem perante o mundo e do leitor perante a literatura. O computador, o telefone celular e, principalmente, a internet são elementos fundamentais dessa transformação, tal como a invenção da imprensa e da máquina de datilografar o foram nos séculos XV e XIX. E, se é certo que a maioria dos escritores ainda utiliza o computador como uma simples máquina de datilografar, também é verdade que as primeiras experiências de interatividade na construção de algumas narrativas de ficção nos levam a acreditar que, se há um novo leitor proveniente da geração digital, sinais surgem igualmente de que fazer literatura no século XXI começa a exigir uma nova postura do artífice que, com ou sem interatividade, terá de produzir textos para essa nova geração de leitores que, inevitavelmente, já rompeu com um determinado horizonte de expectativas. As alterações vão ocorrendo não apenas no domínio da estrutura da narrativa ou do poema, mas também no plano do discurso. Com efeito, mais do que um instrumento para agilizar a produção de textos clássicos, as novas tecnologias, conforme lembra Silva (2011), são um novo universo de criação e de leitura dos signos.

Concordamos que é prematuro admitir-se a hipótese de que um exercício acadêmico como o aludido “Torga em SMS” possa prenunciar o início do alastramento da simplificação textual à reserva literária. É, no entanto, inquestionável que, apesar de incipiente, a contaminação da comunicação literária por algumas marcas do *respelling* digital já existe. Há já mais de duas décadas, Halliday (in Hasan e Williams, 1996: 358) vaticinava que, ao propiciarem um novo território, os computadores iriam encorajar os escritores a integrarem cada vez mais materiais não verbais na sua escrita. Acontece que Wolfgang Hallet (apud Reis, 2018: 156), num ensaio publicado em 2014, confirma a realização deste vaticínio ao notar que, desde a década de 1990, um número crescente de romances não se limita exclusivamente ao texto verbal, agregando ao discurso narrativo componentes multimídia, tais como “letras datilografadas, manuscritas ou eletrônicas; guiões de filmes;

TOJAL, Manuel Diamantino. Projeções do respelling digital na comunicação literária: um epifenômeno ou a busca de uma nova forma de expressão para um novo perfil de leitor? *Revista Intercâmbio*, v.XLIV: 64-83, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

websites; trechos de escrita acadêmica e muitas outras formas genéricas.”

O facto de, como procuramos demonstrar, o *respelling* digital ter começado a permear o território da comunicação literária, acaba por validar a afirmação de que “no universo infinito da literatura sempre se abrem outros caminhos a explorar, novíssimos ou bem antigos, estilos e formas que podem mudar a nossa imagem do mundo” (Calvino, 1990:20). Ou, de acordo com Spalding (2015), “enquanto houver um poeta, uma língua e um leitor, lá haverá literatura. Seja na pedra, no papel, na tabuleta, no *tablet*, na terra, no espaço ou no ciberespaço.” E, uma vez que no ciberespaço a literatura encontrou um meio ideal para a sua propagação, é perfeitamente admissível afirmar-se que, com a virtualização da escrita, o futuro da literatura está no espaço virtual.

Reconhecendo as limitações desta pesquisa, procuramos ainda assim fornecer algumas pistas de análise para futuros investigadores que possam responder mais claramente às hipóteses aqui formuladas, às quais o processo em curso poderá trazer novos dados, seja no sentido da confirmação da existência de algo que não passa de um epifenômeno seja no sentido da comprovação de uma nova forma de comunicação literária para um novo perfil de leitores/interatores. Será, no entanto, ingênuo supor-se, como sustentam Vasconcelos & Palazzo (2010), que neste século XXI as poderosas ondas das novas tecnologias acabem por deixar as praias dos idiomas isentas de grandes mudanças.

Referências bibliográficas

BRAGANÇA, N.A *Noite e o Riso*. Lisboa: Visão / Publicações Dom Quixote, 2003.

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ERBAN, B. Keitai Shousetsu: A Study of Japan's Mobile Phone Fiction. In: *Multimedia Literacies*. School of Library and Information Studies. University of Alberta, Edmonton, Alberta, Canada, 2009.

ESPÍNDOLA, A. L.; ROCHA, F. A. Literatura de massa na escola: uma proposta de letramento literário. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 28, p.247-259, 2015.

FONSECA, C. Torga em versão SMS. *Jornal de Notícias*, 20-09-2009.

FRANCO, R. A literatura na era digital. *Impulso*. Piracicaba, vol. 23, n.57, p. 61-77, maio-set. 2013. Disponível em:

TOJAL, Manuel Diamantino. Projeções do respelling digital na comunicação literária: um epifenômeno ou a busca de uma nova forma de expressão para um novo perfil de leitor? *Revista Intercâmbio*, v.XLIV: 64-83, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

<http://dx.doi.org/10.15600/2236-9767/impulso>. Acesso em: 20/02/2019.

GUIMARÃES, J. Como é estranho não saber. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano XXXIX, n. 1265, p. 7-8, 27 de março a 9 de abril de 2019.

_____. *A Parte pelo Todo*. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2009.

GUSMÃO, M. Prefácio à 3ª edição de 1977. In: BRAGANÇA, N. *A Noite e o Riso*. Lisboa: Visão / Publicações Dom Quixote, p. 7-31, 2003.

HALLET, W. The Rise of the Multimodal Novel: Generic Change and Its Narratological Implications. In RYAN, M.; THON, J.(eds.). *Storywords across Media: Toward a Media-Conscious Narratology*. Lincoln: University of Nebraska Press, p. 151-172, 2014.

HALLIDAY, M. Literacy and linguistics: a functional perspective. In: HASAN, R.; WILLIAMS, G. (eds), *Literacy and society*. London: Longman, 1996.

HALPERN, M. Casais imperfeitos. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 1260, p. 31, 10 a 23 de outubro de 2018.

HAYLES, K. *Literatura Eletrônica: novos horizontes para o literário*. Tradução de Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global, 2009.

MÃE, V.; REIS-SÁ, J. (orgs.) *A Alma não é pequena – 100 poemas portugueses para SMS*. Lisboa: Centro Atlântico, 2009.

MARNOTO, R. *Francisco Levita, Negreiros-Dantas: Uma página para a história da literatura nacional. Óscar, Pereira São-Pedro (Pintor), Tristão de Teive, Príncipe de Judá, Coimbra Manifesto 1925*. Lisboa: Fenda [Edição fac-similada], 2009.

MARSO, P. *Pa Sage A TaBa*. Paris: Megacom-Ik, 2004.

MARTINS, A.; RAMOS, P. Tendências vanguardistas: a literatura eletrônica e o jovem leitor imersivo. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 26, p. 61-80, dez 2014. Disponível em: www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/89994. Acesso em: 12/12/2018.

PERRONE-MOISÉS, L. O longo adeus à literatura. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, Caderno Ilustríssima. inilustríssima, 10/07/2011.

TOJAL, Manuel Diamantino. Projeções do respelling digital na comunicação literária: um epifenômeno ou a busca de uma nova forma de expressão para um novo perfil de leitor? *Revista Intercâmbio*, v.XLIV: 64-83, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/941210-o-longo-adeus-a-literatura.shtml>. Acesso em 20/02/2019.

PESSOA, F. (1994). *Cartas de Amor*. Organização, posfácio e notas de David Mourão-Ferreira. 3ª ed Lisboa: Edições Ática.

PINTO, V. Torga em SMS – Opiniões que contam. A tarefa parece conter um paradoxo em si mesma. 20 de maio de 2009. Disponível em: <http://torgaemsms2.blogspot.com>. Acesso em: 20/02/2019.

REAL, M. Manuel da Silva Ramos: o escritor "maldito", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano XXXVIII, n. 1264, p. 16-17,13 a 26 de mar 2019.

REIS, C. *Dicionário de Estudos Narrativos*. Coimbra: Almedina, 2018.

_____. «Também tenho papéis»: memória da escrita na idade digital. *Revista de Estudos Literários*. Centro de Literatura Portuguesa, FLUC – Universidade de Coimbra, n. 2, p. 97-120, 2012.

REIS, R. *Tanto@Mar*. Porto: Corpos Editora, 2008.

RODRIGUES, A. Escrever romances com os polegares. *Diário de Notícias – DN Gente*, p. 15,10 de maio de 2008.

RODRIGUES, R. 5 lições da Internet para escritores. *Notícias Magazine*, p. 36-43, 22 a 28 de abril de 2012.

SANTOS, E. Chat: E agora? Novas regras – nova escrita. In: COSCARELLI, C.V.; RIBEIRO, A.(Orgs). *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2 ed. Belo Horizonte: Ceale / Autêntica,p. 151-183, 2007.

SILVA, A. A literatura na era digital. XII Congresso Internacional da ABRALIC, UFPR – Curitiba, 18 a 22 de julho de 2011. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/T C1118-1.pdf>. Acesso em: 20/03/2019.

SPALDING, M.Criação literária na era digital: as possibilidades das novas ferramentas de comunicação para o texto literário e o surgimento de novos gêneros. Projeto de pesquisa em andamento. XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis, 19 a 23 de outubro de 2015. Disponível em:

https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3610/655/745.pdf. Acesso em: 20/02/2019.

TOJAL, Manuel Diamantino. Projeções do respelling digital na comunicação literária: um epifenômeno ou a busca de uma nova forma de expressão para um novo perfil de leitor? *Revista Intercâmbio*, v.XLIV: 64-83, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

TAAG, C. *A corpus linguistics study of SMS text messaging*. Tese de Doutorado. Birmingham: University of Birmingham, 2009. Disponível em: <https://etheses.bham.ac.uk/id/eprint/253/>. Acesso em 05/04/2019.

TEIXEIRA, J. Língua Portuguesa e as novas tecnologias de Comunicação: as dinâmicas da(s) escrita(s). *Diacrítica – Série Ciências da Linguagem*. Braga: Universidade do Minho, v. 22, n.1, p. 107-127, 2008.

TOJAL, M. Comunicação digital: novos usos da escrita e sua projeção no texto publicitário. *Revista Intercâmbio*, v. XXVII, p. 164-187, 2013. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/17695>.

TORGA, M. *Diário – Vols. IX-XII (1960-1977)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001.

VASCONCELOS, I.; PALAZZO, J. TXT de SMS: variações da língua ou caos linguístico e cultural? Recensão de livro. *Interacções*. Instituto Politécnico de Santarém, v.6,n.16, p. 169-178,2010.

VELHO DA COSTA, M. *Lúcialima*. Lisboa: Edições O Jornal, 1983.

ZINK, R. *Os Surfistas*. Lisboa: Dom Quixote, 2001.